

Guaches de Ivan Serpa, no caminho do concreto

A Galeria Maurício Leite Barbosa, no Fashion Mall, em São Conrado, está apresentando, como mostra inaugural, uma coleção de 45 pequenos guaches de Ivan Serpa, realizados entre novembro e dezembro de 1961. É uma bela e importante coleção, que ilustra bem um momento de transição, ou de indecisão, na obra desse artista, um criador notável.

De fato, Ivan Serpa foi um dos pioneiros da arte geométrica no Brasil, tendo criado e liderado, entre 1954 e 1956, o Grupo Frente, do qual saíram os principais dissidentes neoconcretos. Contudo, por razões ainda não suficientemente esclarecidas, Serpa não chegou a participar dos movimentos concretos e neoconcreto. Pelo caráter mais acentuadamente ótico/cinético de suas construções pictóricas, Serpa foi um concreto. Nunca, porém, um neoconcreto, apesar de suas incursões tridimensionais (arcas com interiores espelhados).

Sempre muito bem informado (raramente era visto sem um livro ou revista à mão), responsável, como professor, pela forma-



Ivan Serpa, criador do grupo Frente

ção de várias gerações de artistas, técnico em restauração de papéis da Biblioteca Nacional, Serpa foi, além de criador, um artesão dos mais competentes. Esta junção de informação e domínio artesanal (domínio que o levou a inventar vários processos de criação plástica, como suas colagens a alta temperatura) repercutia de um modo curioso no processo criador de Ivan Serpa. Havia uma espécie de necessidade, nele, de se provar, o tempo todo, capaz de criar em diferentes caminhos, tendências ou processos. Assim, se o mais frequente nele era a geo-

metria, enveredou, também, pelos caminhos do informalismo e da figuração. E houve mesmo tentativas de fusão, numa mesma obra, de elementos construtivos, figurativos e informais. Bem-sucedidas, aliás.

É certo, também, que mesmo em seus momentos ou fases não-geométricas, Serpa nunca rompeu com o seu rigor de concepção ou realização, foi sempre um realizador paciente e demorado. Ele compensava esta demora com uma compulsiva necessidade de trabalhar — era um criador de tempo integral. Mas posso imaginar as tensões vividas pelo artista, seu dilema permanente que consistia em defender, de um lado, a arte construtiva (contra os modelos tradicionais de figuração brasileira representada por Portinari, Di Cavalcanti e outros) e sua vontade inadiável de se “provar” capaz de realizar, com a mesma competência, uma pintura informal ou figurativa. Ou seja, Serpa não esteve totalmente à margem dos modismos e das modificações que se processaram no interior da arte internacional e brasileira.

Mas é esta multiplicidade de caminhos seguidos por Serpa que o mantém permanentemente atual. A nova onda expressionista repõe em circulação a pintura figurativa de Serpa, especialmente a esplêndida e dramática fase negra. A época, o artista justificou aquela virada em sua obra como necessidade de retratar, ainda que de modo indireto e não-panfletário, aqueles momentos difíceis que antecederam 1964. E divergem fundamentalmente do hedonismo da nova pintura, ele está na origem, ou melhor, é uma das referências fundamentais desta retomada figurativa em nossa arte. Ele e mais Flavio de Carvalho, Flavio-Shiró, De Fiori e Iberê Camargo. Mas à medida que o modismo da nova pintura passar, como já está ocorrendo, vai emergir com a mesma força pioneira e criativa o Serpa construtivo.

Estes guaches que estão sendo mostrados por Maurício Leite Barbosa indicam, também, uma faceta ao mesmo tempo experimental e intimista do artista. Estes guaches, apesar de ricamente emoldurados, parecem saídos de um livro ou álbum, que ele guar-

dou para si ou presenteou um amigo. Indicavam esta sua necessidade compulsiva de criar e de experimentar exatamente aquilo que contrariava a imagem mais pública de sua obra. É sabido, por exemplo, que a maior parte dos artistas construtivos (concretos e neoconcretos) foi contra o tachismo que, como uma avalanche, inundou todo o circuito da arte mundial, Brasil inclusive.

O concretismo (1959-1962) ainda não encerrara seu ciclo histórico e, no entanto, Serpa, em casa, nos seus cadernos, abria a composição em gestos, manchas, numa espécie de escrita que lembrava os papéis antigos que ele restaurava, a caligrafia oriental e até o Antonio Bandeira tão combativo à época. Ao mesmo tempo, entre manchas e grafismos começava a emergir ou se insinuar tostos ou quase-corpos a lembrar a linguagem gestual dos integrantes do Grupo Cobra e os primeiros sinais, chegados ao Brasil, da nova figuração européia, que juntamente com a **pop** norte-americana começa a empolgar a nova geração de artistas brasileiros.